

Diálogos com a preexistência: leitura crítica de projetos de intervenção no património cultural edificado de Coimbra nas últimas décadas

Mariana Vetrone

Resumo: Este trabalho tem como objetivo o estudo das categorias interpretativas de intervenção contemporânea no edificado propostas por três diferentes autores ligados à preservação do património e ao restauro crítico italiano: Claudio Varagnoli, Giovanni Carbonara e Beatrice Vivio. Sob a luz destes conceitos, foram estudados alguns casos de intervenção no património cultural edificado do município de Coimbra, em Portugal, com o intuito de realizar uma leitura crítica sobre os diálogos que os princípios de intervenção, as soluções e metodologias de projeto assumem com as suas respectivas preexistências. Da mesma forma, procurou-se compreender os possíveis tipos de relação linguística, material, funcional e temporal entre o antigo e o novo, numa perspectiva de reconhecimento dos seus valores e de sua transmissão ao futuro.

Palavras-chave: património arquitetónico, Intervenção no Património, preexistência edificada, conservação e restauro, projeto de intervenção

Dialogues with the pre-existence: critical reading of intervention projects on the cultural heritage of Coimbra in the last decades

Abstract: This work aims to study the interpretative categories of contemporary intervention in historical building, as proposed by three different authors related to the Italian heritage conservation: Claudio Varagnoli, Giovanni Carbonara and Beatrice Vivio. Based on these concepts, six intervention cases among the cultural heritage of the municipality of Coimbra, Portugal have been studied: Centro de Artes Visuais; the Monastery of Santa-Clara-a-Velha and the National Museum Machado de Castro. The proposed analysis consists of a critical reading of the dialogues which the intervention principles and design solutions assume with their respective pre-existences, aiming to understand the different kinds of linguistic, material, functional and temporal relations between the old and the new, in a perspective of recognition of its values and its transmission into the future.

Keyword: architectural heritage, heritage intervention, architectural preexistence, architectural conservation, intervention project, building rehabilitation

Diálogos con la pre-existencia: lectura crítica de proyectos de intervención sobre el patrimonio cultural de Coimbra en las últimas décadas

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo el estudio de las categorías interpretativas de intervención contemporánea en el edificado propuestas por tres diferentes autores ligados a la preservación del patrimonio y al restauro crítico italiano: Claudio Varagnoli, Giovanni Carbonara y Beatrice Vivio. Sobre la base de las categorías propuestas por estos autores se estudiaron tres casos de intervención en el patrimonio cultural construido de Coimbra en Portugal: el Centro de Artes Visuales, el Monasterio de Santa Clara-a-Velha y el Museo Nacional Machado de Castro. El análisis propuesto consiste en una lectura crítica que busca comprender los diferentes tipos de relación lingüística, material, funcional y temporal entre lo antiguo y lo nuevo, en una perspectiva de reconocimiento de sus valores y de su transmisión al futuro.

Palabras-clave: patrimonio arquitectónico, intervención en el patrimonio, preexistencia edificada, conservación y restauración, proyecto de intervención, rehabilitación de edificios

Introdução

Nas últimas décadas, observou-se uma crescente valorização dos projetos de intervenção em edifícios preexistentes, em parte ligada a uma maior preocupação com a preservação do património cultural, mas, sobretudo, devido a seu carácter sustentável, tornando-se uma preocupação cada vez mais presente nas políticas governamentais e do setor da construção. No mundo de hoje, já não faz mais sentido a demolição integral das preexistências para a construção do novo a partir de uma folha em branco. Ao contrário, observa-se, cada vez mais, uma espécie de reconciliação com o passado, em que os resquícios materiais de outros tempos deixam de ser obstáculos para a criação e passam a ser objeto central do projeto contemporâneo, promovendo diferentes diálogos entre o antigo e o novo.

A intervenção na preexistência constitui um exercício de projeto mais desafiador do que a nova construção, pois envolve uma série de questões articuladas com os valores relativos à composição arquitetónica e à materialidade do edifício, bem como a aspectos socioculturais e contextos urbanos de cada caso. Contudo, é preciso considerar-se um conhecimento de suporte referencial para o tratamento destes casos, com base técnica e juízo crítico adequados.

Este trabalho tem como objetivo o estudo das categorias interpretativas de intervenção contemporânea no edificado propostas por três diferentes autores ligados à preservação do património e ao Restauro Crítico italiano: Claudio Varagnoli, Giovanni Carbonara e Beatrice Vivio.

Sob a luz destes conceitos, foram estudados alguns casos de intervenção no património cultural edificado do município de Coimbra, em Portugal, com o intuito de realizar uma leitura crítica sobre os diálogos que os princípios de intervenção, as soluções e metodologias de projeto assumem com as suas respectivas preexistências. Da mesma forma, procurou-se compreender os possíveis tipos de relação linguística, material, funcional e temporal entre o antigo e o novo, numa perspectiva de reconhecimento dos seus valores e de sua transmissão ao futuro.

Leitura da intervenção contemporânea

O crescimento das práticas de intervenção na preexistência edificada levou alguns dos principais teóricos ligados à preservação do património a desenvolver uma série de conceitos para lidar com essa nova realidade no âmbito da arquitetura contemporânea, nomeadamente Claudio Varagnoli, professor e pesquisador da Universidade de Chieti-Pescara, Giovanni Carbonara e Beatrice Vivio, ambos professores e pesquisadores da Universidade "La Sapienza" de Roma.

Claudio Varagnoli aborda a questão da dificuldade histórica de relação entre o projeto moderno e a conservação histórica, que se intensificou sobretudo

durante os debates de reconstrução no pós-guerra, e com o veloz desenvolvimento industrial dos países europeus (Varagnoli, 2002: 4). Nesse sentido, o autor desenvolve seis modalidades de leitura para as intervenções modernas em contextos antigos [figura 1].

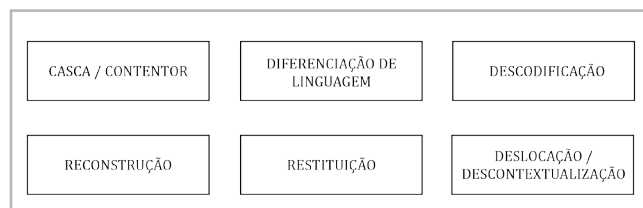


Figura 1.- Esquema elaborado a partir das seis modalidades de leitura para intervenções modernas em contextos antigos propostas por Claudio Varagnoli.

Já Giovanni Carbonara define a problemática da intervenção contemporânea na preexistência como uma terceira via possível entre uma modernidade vanguardista e revolucionária, que se apoia na alta tecnologia globalizada e anti-histórica, e uma pós-modernidade regressiva, imitativa e falsificadora. Esta terceira via, portanto, possibilitaria uma relação viva e respeitosa com a memória e o contexto das obras antigas (Carbonara, 2013: 111). Carbonara estabelece primeiramente quatro grandes grupos para o diálogo antigo-novo e cada um deles está subdividido em três categorias, de acordo com o grau de interação proporcionado por cada projeto com sua respectiva obra preexistente, com exceção do grupo "Não-intervenção direta" que está dividido em apenas duas categorias [figura 2]. No esquema abaixo aparece uma quinta opção, "Casos Particulares" que não é propriamente considerado um grupo, mas sim casos de exceção que não se enquadram dentro da subdivisão já mencionada. São definições experimentais e por isso não devem ser entendidas como leis rígidas.

Beatrice Vivio, por sua vez, defende que a intervenção sobre o existente constitui um desafio projetual mais complexo do que a construção a partir do zero, e que, por esta razão, é certamente um estímulo ao desenvolvimento de novas experiências e teorias arquitetónicas (Vivio, 2007:211). Neste contexto, a autora aborda, entre outros aspectos, a questão da relação temporal das intervenções com as obras preexistentes, de modo que suas categorias interpretativas assimilam também essa componente, além daquelas ligadas à dialética formal e linguística já trabalhadas pelos outros autores.

Assim, Vivio define nove categorias dispostas em um eixo de coordenadas que cruzam a componente temporal (presente-passado) com o grau de respeito pela matéria antiga (conservação-destruição). Tais categorias são organizadas pela autora em quatro grandes grupos, de acordo com a relação temporal a que se propõem [figura 3].

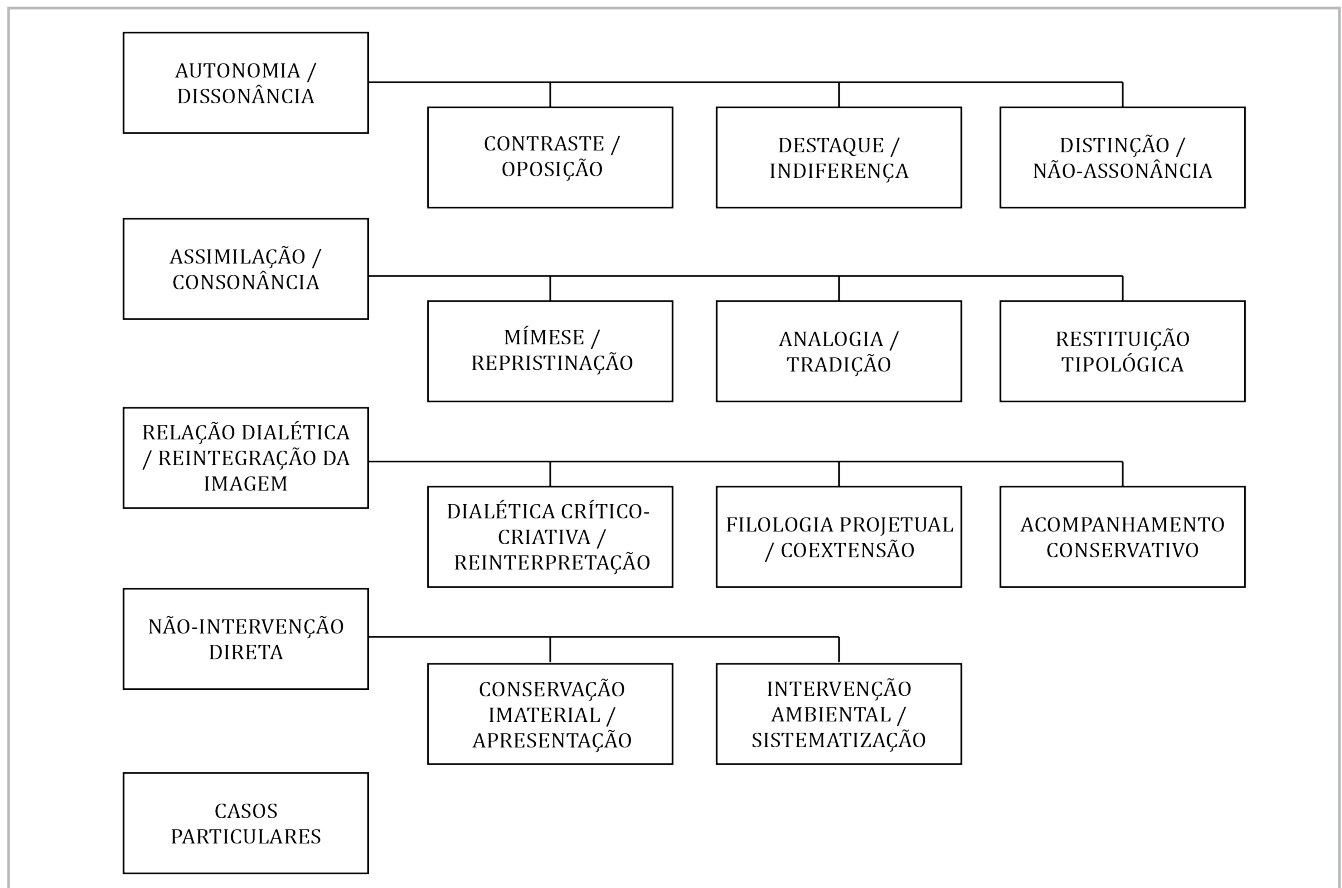


Figura 2.- Esquema elaborado a partir das Categorias Interpretativas propostas por Giovanni Carbonara.

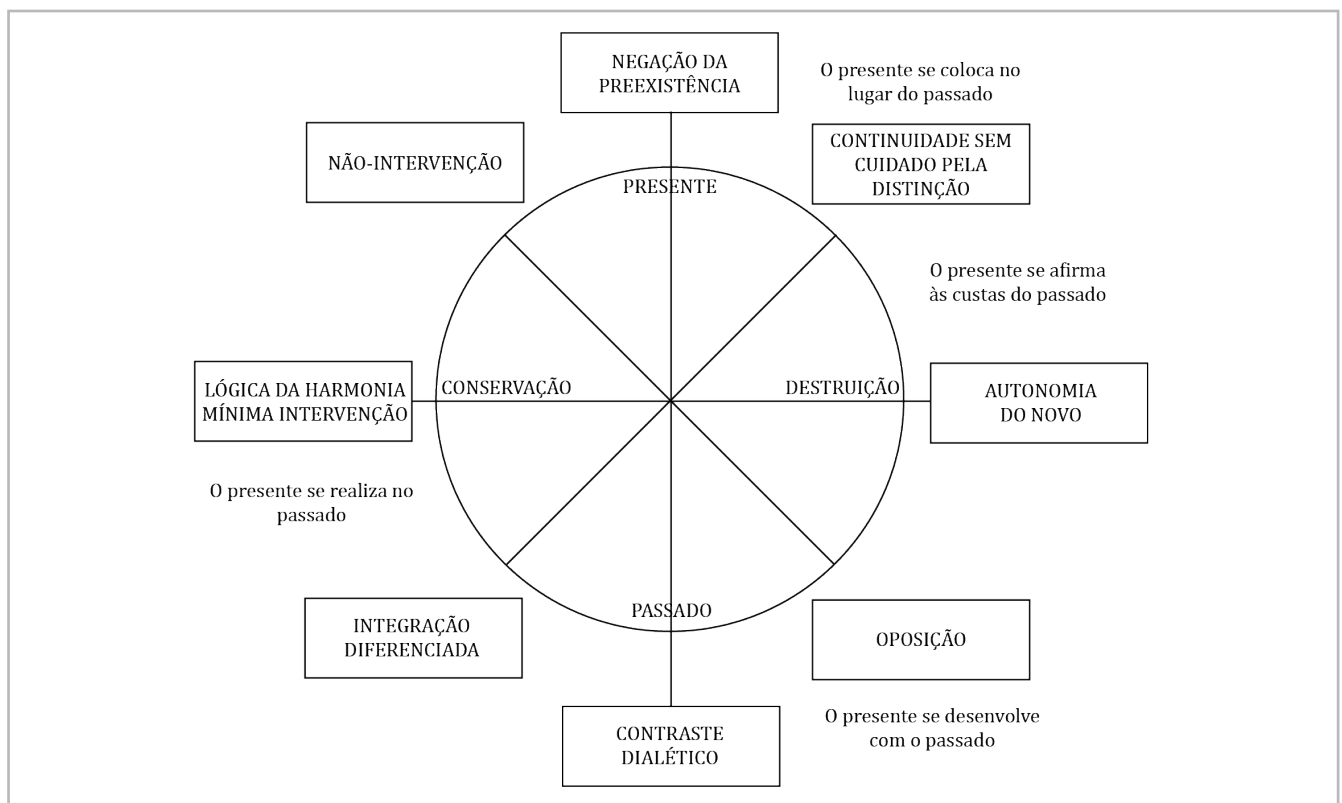


Figura 3.- Esquema com as categorias interpretativas das intervenções atuais sobre as preexistências históricas elaborado por Beatrice Vivio. (VIVIO, 2007, p. 221, tradução literal dos autores)

A partir da interpretação das categorias propostas por Varagnoli, Carbonara e Vivio, fica evidente a presença de dois importantes aspectos na leitura da intervenção na preexistência: a *Linguagem* e a *Materialidade* de cada intervenção. É possível adicionar um terceiro aspecto relevante para a leitura dos projetos: a relação de *Uso e Função*. Este aspecto abrange o estudo das questões programáticas e funcionais intrínsecas à preexistência, colocadas em confronto com as novas exigências contemporâneas, além de uma preocupação com a incorporação de valores relativos à espacialidade preexistente no projeto do novo.

Além destes três aspectos, as categorias propostas por Vivio evidenciam ainda uma quarta componente para a análise, que diz respeito às relações de *Temporalidade* entre a obra preexistente e a intervenção contemporânea, que nenhum dos outros autores aponta de maneira direta. Ao elaborar o conceito de diálogo entre passado e presente, bem como as diferentes formas que os valores destes tempos podem sobrepor-se ou equilibrar-se dentro do projeto, Vivio abre um leque de leituras possíveis que tende para uma percepção da intervenção como um processo de ruptura ou de continuidade temporal.

Caso i: centro de artes visuais

A reconversão da Ala Poente do Antigo Colégio das Artes para instalação do Centro de Artes Visuais (CAV) é resultado de um concurso público promovido pela Câmara Municipal de Coimbra, que premiou a proposta do arquiteto João Mendes Ribeiro e sua equipe, em

1997. O edifício intervencionado localiza-se na Baixa de Coimbra, junto ao Pátio da Inquisição, e está inserido no conjunto arquitetónico da Rua da Sofia, inscrito na Lista de património Mundial da UNESCO desde 2013 (Universidade de Coimbra – Alta e Sofia).

Inaugurado em 2003, o CAV acolhe a sede dos Encontros de Fotografia, uma instituição de arte contemporânea, que se afirmou como o principal divulgador da fotografia em Portugal ao longo das décadas de 1980 e 1990. O edifício abriga exposições temporárias, workshops, concertos e outras atividades culturais, além de seu rico acervo fotográfico.

O projeto insere-se em parte dos edifícios que foram construídos para abrigar o Real Colégio das Artes, em meados do século XVI, e que, posteriormente, foram entregues à Inquisição quando as instalações colegiais foram transferidas para a Alta da cidade. Nesse sentido, a preexistência edificada é composta por uma série de camadas históricas contrastantes e de grande relevância patrimonial. De acordo com o arquiteto, a organização do programa e a definição dos princípios de intervenção partiram da busca de um equilíbrio entre os valores do edifício preexistente e as novas necessidades impostas pelo novo uso (Ribeiro, 2017).

O piso térreo da Ala Poente foi totalmente ocupado pelo espaço expositivo, de caráter flexível, com painéis pivotantes brancos que permitem a configuração de diferentes tipos de organização espacial: um espaço contínuo ou uma série de salas independentes, de acordo com as necessidades de cada instalação [figura 4]. Já no



Figura 4.- Espaço expositivo do CAV no piso térreo. (Acervo pessoal, 2017)

piso superior, a lógica espacial é outra, pois o espaço divide-se em dois, naturalmente marcado pela parede estrutural preexistente ao meio. De um lado, um contentor em madeira acolhe diversos serviços ligados à prática da fotografia e constitui um paralelepípedo fechado. Do outro lado, uma sequência de espaços abertos, demarcados por um desenho de mobiliário, abriga a biblioteca e os gabinetes administrativos.

Durante a obra, com a retirada dos forros que constituíam o teto do piso superior, descobriu-se a estrutura da cobertura, que acabou por proporcionar uma alteração radical do ponto de vista da espacialidade do edifício. As tesouras e terças que suportam a cobertura do telhado foram deixadas à vista, integrando todo o piso superior como um grande “open space”. Um delicado passadiço metálico suspenso atravessa a armação do telhado, permitindo uma nova e instigante leitura do espaço.

Os vestígios arqueológicos encontrados no subsolo foram preservados e recobertos com um pavimento de madeira contínuo, com a cota levemente elevada em relação ao pátio exterior. O pavimento está instalado sobre um sistema desmontável de alçapões, que funciona como quarteladas de um teatro, permitindo a ocasional visitação das alas subterrâneas, ou ainda a montagem de exposições que interajam diretamente com as escavações.

Apesar de tratar o edifício preexistente como um *Contentor*, não é possível dizer que a intervenção realizada por Mendes Ribeiro se enquadre nesta categoria definida por Varagnoli. Primeiramente porque Varagnoli fala de edifícios esvaziados e de tipologia industrial, o que, obviamente, não seria o caso aqui. Além disso, é facilmente identificável o esforço por parte do arquiteto de reconhecimento e respeito dos valores patrimoniais da preexistência. Quando considera o edifício um *Contentor*, Mendes Ribeiro está justamente a reconhecer um dos valores mais significativos presentes na estrutura antiga: a sua perenidade ao longo dos séculos, em contraposição à efemeridade das soluções encontradas na compartimentação interna, que foram altamente modificadas e não consubstanciam grande relevância construtiva, estética ou mesmo histórica.

A utilização de materiais leves e compatíveis com a matéria antiga aproxima-se muito mais do conceito de “*restauro leggero*” (Carbonara, 1997) italiano. Nesse sentido, pode-se afirmar que a intervenção se enquadra de forma mais ajustada na categoria definida por Varagnoli como *Diferenciação de Linguagem*, que é também consoante com a categoria *Relação Dialética e Reintegração da Imagem*, definida por Carbonara, e *Lógica da Harmonia* de Beatrice Vivio. Tais categorias enfatizam a busca pelo equilíbrio dialético entre o novo e o antigo, que é exatamente o princípio que norteia o projeto de Mendes Ribeiro.

Por outro lado, os novos volumes inseridos no piso superior podem caracterizar também uma leitura de contraste linguístico, no que diz respeito à sua leveza e efemeridade em contraposição à perenidade e robustez da preexistência. O contentor dos laboratórios de fotografia, por exemplo, aparece como uma caixa fechada, minimalista, que se destaca da preexistência e enfatiza o contraste antigo-novo. Sob este ponto de vista, esses elementos poderiam caracterizar uma relação de *Contraste Dialético*, ou até mesmo, em uma leitura mais radical, de Autonomia do Novo, ambas propostas por Beatrice Vivio. Também na leitura de Carbonara, essa postura contrastante poderia caracterizar uma relação de *Destaque* ou *Oposição*, caracterizando um objeto completamente independente da preexistência.

Uma terceira possível leitura dentro dos aspectos linguísticos na intervenção está relacionada com a reinterpretação de alguns elementos arquitetônicos do edifício preexistente, como é o caso dos lanternins encontrados na cobertura durante a obra e reinseridos no projeto sob uma ótica contemporânea. Tal postura aproxima-se do conceito definido por Varagnoli como *Descodificação*, no qual o arquiteto opera com os elementos da obra preexistente e os revisita segundo os códigos arquitetônicos contemporâneos. Parece aproximar-se também, de certo modo, ao conceito de assimilação dos elementos preexistentes definidos por Carbonara como *Restituição Tipológica*, na qual o projeto se desenvolve como recuperação de um arquétipo, ou seja, de um modelo com uma componente linguística formal. Neste contexto, as intervenções buscam justamente uma reinterpretação de elementos preexistentes, reinventando-os no projeto do novo.

Uma quarta possível orientação linguística dentro do projeto relaciona-se com a conservação de elementos arquitetônicos preexistentes, como é o caso da antiga arcada de Diogo de Castilho e a consolidação dos vestígios arqueológicos da Inquisição no subsolo. Ao optar pela não-reconstrução das arcadas, deixando as colunas com aspecto arruinado, o arquiteto volta a introduzir uma visão contemporânea de projeto, que dialoga com os testemunhos do passado e os recoloca na narrativa atual, com grande respeito pelo valor do material preexistente. Da mesma forma, o diálogo a que se procede com o sistema do pavimento removível, que permite o acesso aos vestígios arqueológicos, evidencia a preocupação com a preservação da matéria antiga e a relação desta última com o novo uso. Assim, o projeto ressalta a importância da manutenção das marcas do tempo como testemunhos materiais da história do edifício e evidencia uma postura voltada ao *Acompanhamento Conservativo*, definido por Carbonara, ou ainda à *Mínima Intervenção*, estabelecida por Vivio. Em ambos os casos, há uma prevalência dos valores do antigo, de modo que a intervenção contemporânea aparece apenas para garantir sua fruição, legibilidade e transmissão ao futuro [figura 5].

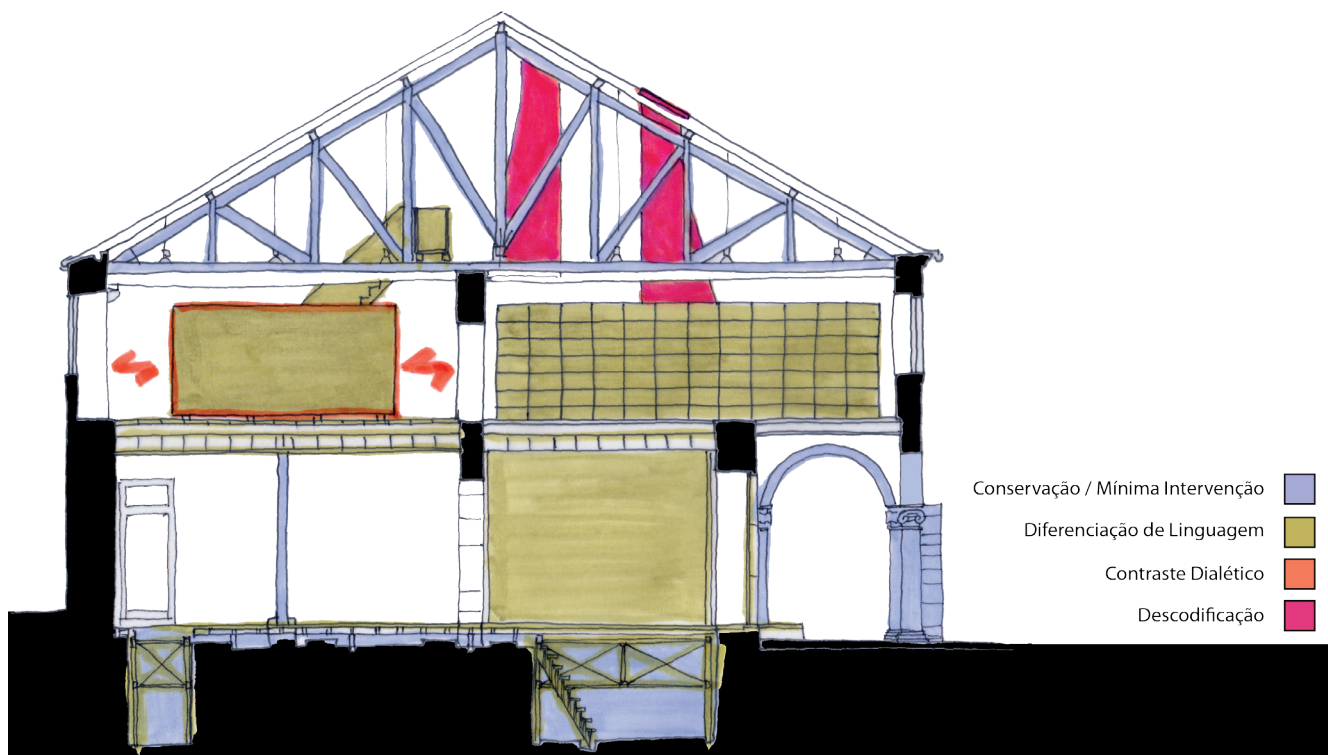


Figura 5. - Esquema de síntese com os movimentos de diálogo entre a preexistência e o novo no projeto do CAV

Ao criticar e redesenhar o programa proposto pelo concurso, o arquiteto e a sua equipe promovem uma melhor adaptação dos novos usos à preexistência, levando em conta seus valores, potencialidades e limitações. Isso demonstra um valioso conhecimento prévio sobre o edifício, além de um elevado grau de respeito no momento da intervenção, o que pode ser considerado como uma das chaves para um projeto bem-sucedido.

Pode-se considerar que o projeto em si configura uma nova camada neste intrincado palimpsesto edificado, que permite sua atualização para o tempo presente e reforça sua característica de narrativa histórica. De acordo com o arquiteto, trata-se de um movimento de continuidade temporal, ainda que na linguagem trabalhe por contraste e diferenciação de materiais (Ribeiro, 2017).

A questão da flexibilidade e do caráter efêmero de alguns elementos presentes na intervenção configuram também uma nova relação temporal entre o existente e o novo. A construção de objetos de aparência etérea e transitória, em confronto com uma estrutura patrimonial permanente, bem como a concepção de espaços flexíveis, adaptáveis a diferentes usos e interpretações, demonstram uma condição mutável de projeto, como uma forma de temporalidade aberta. Nesse sentido, o espaço compromete-se com a realidade da vida contemporânea, mas mantém-se reversível, permitindo que o edifício acompanhe o desenvolvimento da sociedade e de suas exigências práticas, num movimento contínuo em direção ao futuro.

Por outro lado, pode-se dizer que os próprios processos de projeto e de obra configuram também um novo tipo de relação temporal com a preexistência. As descobertas realizadas ao longo do percurso de obra, bem como as alterações de projeto que delas decorreram, são todas questões relativas à passagem do tempo e à percepção desta por aqueles que vivenciaram este processo. Essa complexa relação temporal, que se assemelha a um movimento cíclico, alimentado pela apreensão e ressignificação do existente, difere notoriamente das relações de tempo existentes numa obra realizada a partir do zero, onde os acontecimentos tomam um sentido muito mais linear.

Caso 2: mosteiro de santa clara-a-velha

Localizado na margem esquerda do rio Mondego, na freguesia de mesmo nome, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha guarda importantes vestígios da história medieval de Coimbra e está classificado como Monumento Nacional desde 1910. O projeto de valorização para o conjunto foi resultado de um concurso público promovido pelo antigo IPPAR, que premiou a proposta dos arquitetos Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez e Luís Urbano em 2002.

Aberto ao público em 2009, o Mosteiro abrange cerca de 28.000 m², que compreendem a área de escavação arqueológica e um novo Centro Interpretativo com funções museológicas e de investigação. O espaço configura hoje um pólo cultural aberto à cidade e às

manifestações artísticas, além de abrigar atividades voltadas à conservação, estudo e apresentação do espólio arqueológico resultante das escavações.

A história do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é fortemente marcada pela tumultuosa convivência com as inundações do rio Mondego, que o acometeram ao longo dos séculos. No entanto, foi essa mesma água que possibilitou, pelo menos em parte, a conservação da maior parte de seus elementos arquitetônicos ao longo dos séculos. Além disso, o edifício também está associado à figura da Rainha Santa Isabel, constituindo um importante expoente patrimonial da cidade de Coimbra, pela enorme riqueza de seu conjunto enquanto espaço religioso.

À partida, os arquitetos tiveram que trabalhar com condicionamentos impostos pelo estranho traçado da cortina de contenção periférica construída (em profundidade) no terreno para conter as cheias do Mondego, que não respeitava nenhuma lógica compositiva das preexistências. Neste contexto, foi proposta a consolidação das ruínas e a criação de percursos de visita, bem como a construção do novo edifício na extremidade oposta do terreno, uma espécie de remate do projeto a sul.

A consolidação da ruína [figura 6] foi um trabalho minuciosamente estudado e desenvolvido, com o objetivo de preservá-la ao máximo e ser o mínimo invasivo possível.

As intervenções realizadas focaram-se numa subtração de elementos com a perspectiva de valorização de uma leitura global do edifício preexistente e numa inserção de outros que promovessem a fruição do espaço, como foi o caso dos muros construídos ao longo dos séculos para os enterramentos que se procederam dentro da igreja. O novo edifício, por sua vez, abriga o programa do museu: recepção, bilheteria, bar com esplanada, auditório, loja, espaços de exposição, instalações sanitárias, gabinetes administrativos e gabinetes de investigação. No que diz respeito à sua expressão arquitetônica, apresenta uma fachada totalmente envidraçada, como pano de fundo para a igreja, e outra totalmente encerrada de relação com a envolvente próxima, voltada para a cidade. Esta dicotomia entre fachadas traduz uma decisão de projeto que instiga o visitante a “descobrir” a preexistência, a igreja, a partir do novo edifício (Costa, 2017).

Nesse sentido, o novo edifício enquadra a ruína e ela passa a ter a importância de objeto principal do museu, de modo que a nova construção funciona como uma “máquina para ver”. A fachada totalmente envidraçada permite que se observe o edifício preexistente em qualquer ponto do novo edifício, reforçando sempre a presença da igreja como elemento central da intervenção.

No projeto, pode-se observar claramente três movimentos de diálogo distintos entre a preexistência e a intervenção



Figura 5.- Ruínas do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (Acervo Pessoal, 2016)

contemporânea, do ponto de vista linguístico e de materialidade [figura 7]:

O primeiro movimento diz respeito à relação de afastamento, contraste e contemplação entre a ruína e o novo edifício. A busca de um equilíbrio de valores entre a preexistência e a nova construção através do contraste de linguagens e do recurso a materiais distintos, vinculados a diferentes tempos históricos de intervenção, representa uma forte interação antigo-novo. Além disso, o afastamento do novo não é uma mera postura ocasional, mas demonstra uma posição de respeito em relação ao edifício preexistente, apesar de este não se deixar ofuscar pelo antigo e nem abrir mão de seu valor arquitetônico. Essa postura aproxima-se daquelas definidas pelas categorias *Distinção/Não-Assonância* de Carbonara e *Contraste Dialético* de Beatrice Vivio. Na estruturação teórica de Varagnoli não é identificável uma correspondência direta para esta tomada de atitude por parte dos projetistas.

O segundo movimento refere-se à intervenção realizada dentro da igreja, ligada à criação de condições para a visitação, leitura e interpretação do edifício preexistente. Esta postura concretiza-se através do uso de materiais leves, que procuram fazer sobressair a materialidade que suporta a matriz construtiva da igreja. São utilizados elementos metálicos, como estruturas de suporte, guardas e escada, e elementos de madeira, como os pavimentos do coro das freiras e do piso superior. Pode-se destacar também, neste contexto, a colocação do pavimento em aço cortén no piso térreo da igreja, onde cada chapa metálica foi projetada para colmatar as lacunas da pedra

preexistente, dentro de uma modulação especificamente pré-definida. Tal orientação traduz-se nas categorias de *Diferenciação de Linguagem* de Varagnoli, *Lógica da Harmonia* de Beatrice Vivio e também em qualquer uma das três categorias de Carbonara para a *Relação Dialética*, nomeadamente *Dialética Crítico-Criativa / Reinterpretação*, *Filologia Projetual / Coextensão e Reintegração da Imagem/ Acompanhamento Conservativo*.

Finalmente, o terceiro movimento está ligado à consolidação das ruínas do claustro, que se inserem numa leitura muito mais voltada para a restituição dos vestígios arqueológicos, com a intenção de possibilitar a percepção e entendimento do que teria sido o edifício preexistente. Nesse sentido, há um evidente predomínio do antigo, que é apenas trabalhado para a participação ativa do visitante na vivência do espaço preexistente, através da apresentação didática dos artefatos arqueológicos. Essa postura articula-se com aquela definida por Varagnoli na categoria *Reconstrução*, bem como com a *Conservação Imaterial/ Apresentação* de Carbonara e ainda, possivelmente, com a *Mínima Intervenção* de Beatrice Vivio, ainda que para isso tenha sido necessária a execução de uma obra altamente complexa como a construção da cortina de contenção periférica.

Do ponto de vista funcional, o projeto de intervenção não parte do princípio do reuso do edifício preexistente, mas, pelo contrário, procura reforçar o seu caráter já consolidado de ruína, através do enaltecimento de seus valores históricos e estéticos prevaletentes ao longo dos séculos. Assim, a preexistência encontra-se no centro

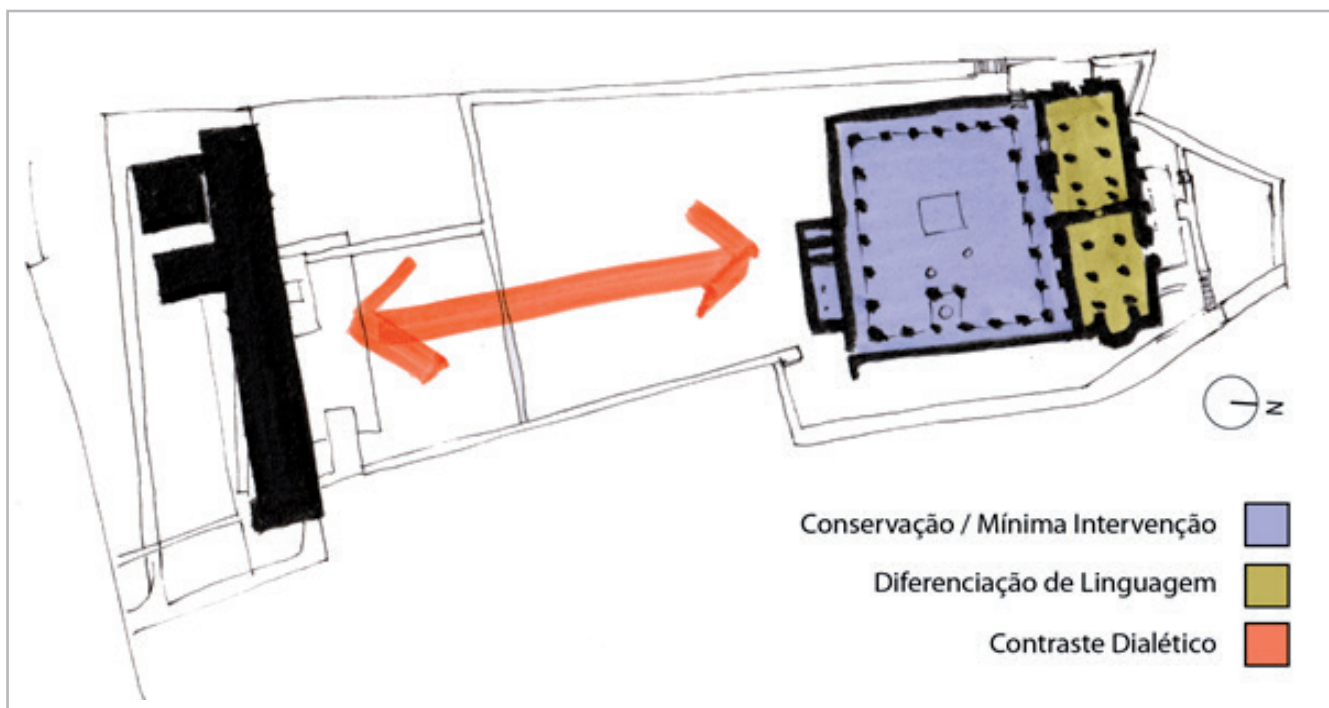


Figura 7.- Esquema de síntese com os movimentos de diálogo entre a preexistência e o novo no projeto de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

do projeto, como elemento a ser enobrecido através da intervenção, que visa apenas aprimorar a leitura e a fruição desta obra simbólica.

No que diz respeito ao novo edifício, ele funciona como infraestrutura de apoio à preexistência, onde se concentra todo o programa do equipamento cultural. Sua implantação na margem sul do terreno, além de configurar o distanciamento e contraste linguístico já comentado, também tem um sentido funcional, pois opera como um filtro entre a cidade e o sítio arqueológico, que recebe os visitantes e os prepara para a experiência que será iniciada a seguir.

Pode-se considerar que o “congelamento” da ruína através dos séculos representa uma forma de temporalidade interrompida, que permaneceu adormecida ao longo do tempo e foi transportada diretamente a uma nova contemporaneidade, que diz respeito ao tempo presente. Apesar de não manter a sua gênese funcional, a ruína adquire uma série de valores particulares e torna-se símbolo de um passado que, através dela, permanece de alguma forma salvaguardado. Estes valores são atribuídos pela sociedade conimbricense que percebe a ruína como um testemunho histórico dos acontecimentos ali vividos.

Neste contexto, o projeto trabalha diretamente com a componente temporal quando reinsere a ruína no presente, como um fragmento histórico reinterpretado e ressignificado com a consciência contemporânea, através dos princípios já mencionados. Deste modo, marca-se um novo tempo, onde o passado permanece vivo em todo o dramatismo que transborda da ruína e alimenta novas interpretações e relações espaciais no tempo presente.

Caso 3: museu nacional machado de castro

O projeto de Remodelação e Ampliação do Museu Nacional Machado de Castro é fruto de um concurso público promovido pelo IPM (Instituto Português dos Museus), que premiou a proposta do arquiteto Gonçalo Byrne e sua equipe em 1999. Localizado no coração da Alta de Coimbra, o conjunto edificado assenta sobre as muitas camadas históricas existentes desde a fundação da cidade romana de Aeminium que, após o domínio visigótico, usurparia o nome de sua vizinha Conímbriga.

Instalado no antigo Paço Episcopal de Coimbra e classificado como Monumento Nacional desde 1910, o museu conserva, além de seu riquíssimo e variado acervo, testemunhos de construções civis e religiosas que abarcam um leque temporal que se estende do séc. I d.C. até a atualidade. O resultado final da remodelação tornou-se visível ao público em dezembro de 2012, com a abertura progressiva de todo seu espaço visitável.

A preexistência caracteriza-se como um conjunto de fragmentos de diferentes momentos históricos reunidos

num sítio carregado de simbologias e significados diversos, com mais de 2000 anos de história. De centro administrativo, político e religioso na época romana, templo cristão desde o séc. XI, Paço Episcopal entre os séc. XII e XIX e, finalmente, museu a partir de 1913, o conjunto edificado passou por muitas transformações ao longo dos séculos, funcionando como um condensador arquitetônico da história da cidade de Coimbra.

Reconhecendo a complexa condição fragmentária do conjunto edificado preexistente, Gonçalo Byrne e a sua equipe desenvolveram uma proposta de intervenção no sentido do reconhecimento de uma identidade unitária para os espaços. De acordo com o arquiteto, a proposta procurou colocar em funcionamento um novo edifício coeso e reconhecível, potencializando sua fragmentação como narrativa histórica através do juízo crítico em relação aos elementos preexistentes, com base numa leitura global do conjunto (Byrne, 2017).

A estratégia adotada por Byrne partiu do já alargado estudo sobre os fragmentos arquitetônicos preexistentes, considerando as principais fragilidades e potencialidades do conjunto, e tentando perceber as lógicas de transformação ao longo dos séculos. Assim, foi-se clarificando o caminho a percorrer com o projeto, bem como os locais onde poderia intervir com maior liberdade e aqueles que, ao contrário, deveria ter uma postura mais conservativa. Nesse sentido, o trabalho em conjunto com os arqueólogos, ao longo da obra, foi essencial para o bom desenvolvimento do projeto (Byrne, 2017).

O projeto de intervenção apresenta diferentes níveis de diálogo entre as preexistências edificadas e a intervenção contemporânea, no que diz respeito à linguagem e a materialidade de cada solução encontrada para cada área específica do conjunto [figura 8]. Isso deve-se sobretudo ao fato de que houve uma grande preocupação de projeto com a adaptação das tecnologias ao serviço da arquitetura preexistente, como um sistema de escolhas feitas para cada caso e para cada situação, geridas com uma coerência global.

Primeiramente, observa-se um movimento global de amarração dos fragmentos preexistentes numa narrativa histórica coesa, que se desenvolve numa linguagem completamente contemporânea. O projeto procede à criação de percursos museológicos, com passarelas e conexões, ao trabalho com a diferenciação de pavimentos, além de uma preocupação com o controle da iluminação.

Ainda que se fale em fragmentos preexistentes, não se trata de um processo de *Deslocação*, como definido por Varagnoli, pois estes fragmentos estão todos reunidos dentro de um contexto stratigráfico no conjunto edificado e, na maior parte das vezes, permanecem no seu próprio local de origem. Portanto, pode-se dizer que esta orientação aproxima-se muito mais da *Diferenciação de Linguagem*, de Varagnoli, *Lógica da Harmonia* de Vivio e

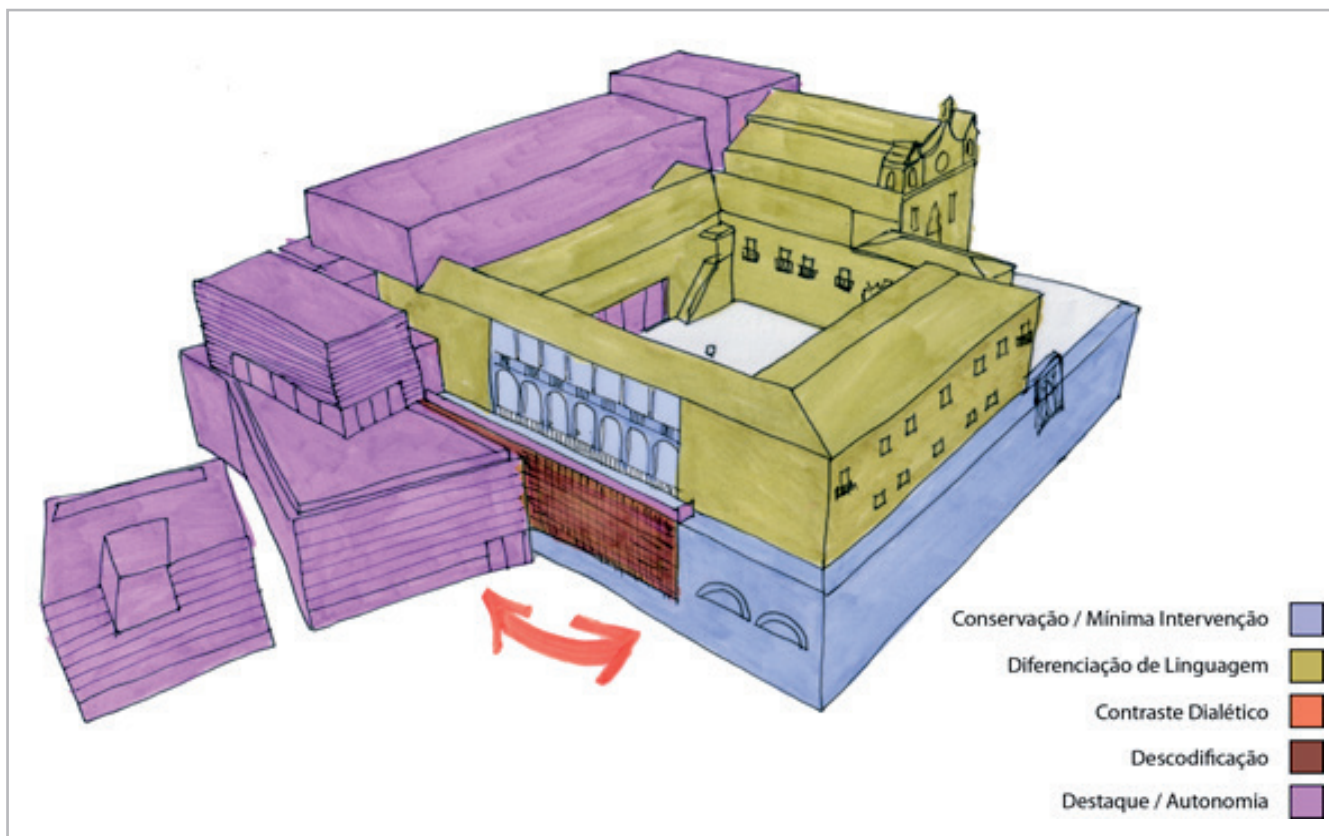


Figura 8.- Esquema de síntese com os movimentos de diálogo entre a preexistência e o novo no projeto de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

também das categorias de Carbonara referentes à *Relação Dialética*, caracterizando um grau elevado de equilíbrio e diálogo entre o que é novo e o que é antigo, e também dos fragmentos entre si.

No seguimento, detecta-se uma postura mais orientada para a questão do novo, que diz respeito aos volumes construídos de raiz, de modo a obter um equilíbrio na composição arquitetônica. A criação de uma nova escala de referência para o edifício atribui-lhe uma unidade e uma imagem referencial, que promove uma inédita relação entre os fragmentos e também do conjunto com a cidade. Algumas críticas realizadas ao projeto apontam a questão do elevado contraste dos novos materiais e volumes, que potencialmente instiga leituras de destaque relativamente à paisagem urbana da Alta de Coimbra [figura 9]. Nesse sentido, os novos volumes aproximam-se das categorias de *Destaque ou Distinção*, de Carbonara, ou mesmo da *Autonomia do Novo e Contraste Dialético* de Vivio.

Contudo, levando-se em consideração a explicação conceitual do arquiteto sobre os novos volumes, passamos a interpretar a intervenção sob uma nova perspectiva. A relação estabelecida pelo embasamento em pedra do bloco anexo com a estrutura preexistente do criptopórtico, por exemplo, evidencia uma espécie de analogia entre o antigo e o novo, de forma que o processo de concepção da nova forma estabelece uma relação linguística com a preexistência que se aproxima mais das



Figura 9.- Vista geral do conjunto edificado com os novos volumes propostos. (Acervo pessoal, 2016)

orientações voltadas à *Descodificação* de Varagnoli, na qual o arquiteto opera com os elementos compositivos da obra preexistente e os revisita segundo os códigos arquitetônicos contemporâneos, de forma que o projeto busque reinterpretar os elementos, ritmos e lógicas construtivas do edifício antigo.

No que diz respeito à intervenção no criptopórtico romano, internamente percebe-se uma postura muito mais conservativa, voltada à *Mínima Intervenção* de Vivio e ao *Acompanhamento Conservativo* de Carbonara. Já externamente, onde ocorre a reposição da volumetria através de um elemento metálico leve, pode-se dizer que há uma *Integração Diferenciada*, definida por Vivio,

uma *Restituição Tipológica*, estabelecida por Carbonara, ou mesmo uma *Restituição*, segundo o entendimento de Varagnoli. Em todas essas modalidades, a intervenção caracteriza-se pela recomposição de lacunas com linguagem contemporânea, voltadas à compreensão da obra antiga e das suas características tipológicas e construtivas, mas reforçando também a ideia de leveza e reversibilidade da intervenção.

De maneira geral, pode-se dizer que o projeto equacionou bem a questão programática em relação aos espaços preexistentes, evitando que se gerassem grandes conflitos entre as novas necessidades de uso e os valores das preexistências edificadas. Isso deve-se, em parte, à assertiva escolha da construção de um bloco anexo, que possibilitou a libertação de áreas nos edifícios preexistentes e proporcionou uma melhoria nas circulações, bem como uma mais adequada percepção de suas espacialidades.

A colocação dos fragmentos numa lógica de percurso museológico caracteriza uma condição de uso destinada à sua fruição estética e espacial, bem como à sua valorização numa perspectiva de narrativa histórica. A adaptação dos espaços do Paço Episcopal para exposição, por sua vez, conseguiu respeitar as escalas e espacialidades preexistentes de maneira adequada e, ao mesmo tempo, garantir as condições necessárias ao uso museológico.

Do ponto de vista da análise temporal, pode-se considerar que a intervenção realizada por Byrne consiste em mais uma camada somada à extensa estratificação histórica do conjunto. O caráter de contemporaneidade presente no projeto evidencia não só uma linguagem própria, mas uma condição do arquiteto que intervém em seu próprio momento histórico.

Ao trabalhar com essa dinâmica das camadas históricas e com a inserção de uma nova camada para a amarração dos fragmentos históricos, o projeto assegura uma unidade global de conjunto, promovendo uma leitura contínua da história, que vai desde o período romano até os dias de hoje. O projeto consegue diluir a passagem do tempo, tanto na uniformização dos fragmentos sob uma narrativa coesa, quanto na afirmação do novo, de forma a encontrar um ponto de equilíbrio entre as duas coisas. O conjunto edificado passa, dessa forma, a ser uma espécie de condensador, capaz de materializar os diferentes tempos numa mesma realidade.

Considerações finais

Ainda que a tradicional expressão “cada caso é um caso” seja legítima no contexto das intervenções no patrimônio, a elaboração de um conhecimento holístico para o tratamento dos casos mostra-se cada vez mais indispensável no sentido de sua valorização, em equilíbrio com o atendimento às novas necessidades de uso contemporâneas. Nesse sentido, o estudo das categorias

interpretativas propostas por Varagnoli, Carbonara e Beatrice Vivio mostrou-se extremamente significativo para o desenvolvimento de um conhecimento de suporte para as práticas de intervenção em preexistências históricas.

As leituras dos projetos demonstraram-se bons exercícios de análise crítica, procedendo a uma positiva aproximação da teoria arquitetônica e do restauro à prática de projeto, que pode ser considerada como um dos principais desafios da Arquitetura dos nossos dias. Tais leituras podem ser entendidas como ensaios para o desenvolvimento de novas metodologias de projeto, de modo a incorporar mais satisfatoriamente a componente crítica no processo de intervenção arquitetônica.

Os três casos estudados demonstram um assertivo uso da Linguagem Contemporânea no sentido da valorização e clarificação das suas respectivas preexistências. Ainda que esta linguagem se apresente com diferentes graus de diálogo em cada caso, os três arquitetos clarificam a importância da contemporaneidade como uma condição à partida no projeto (por opção dos arquitectos ou dos programas de concursos), motivada também pela utilização de materiais e técnicas atuais em resposta às necessidades dos novos usos. Neste contexto, também a reinterpretção de elementos, que aparece em alguns dos casos, configura um processo de tradução do antigo numa linguagem atual, reforçando essa condição contemporânea do projeto e promovendo uma forma de diálogo por assimilação. Essa leitura relaciona-se diretamente com o olhar do arquiteto, condicionado sobretudo por um sentido estético do contexto temporal em que se insere.

Em relação à questão do Uso e Programa, identifica-se nos três casos estudados uma preocupação com sua adaptação às respectivas preexistências, de modo a tornar-se compatível com suas limitações e potencialidades. Nesse sentido, pode-se destacar que o sucesso de uma intervenção está diretamente relacionado com o conhecimento do arquiteto sobre o edifício, por um lado, e com o domínio do programa, por outro. Ao conhecer a matéria e o contexto em que se intervém, torna-se possível proceder a operações harmônicas e coerentes, capazes de dignificar as camadas históricas preexistentes, bem como possibilitar a sua leitura no presente e transmissão ao futuro, sem perder a atenção às necessidades dos novos usos.

No que diz respeito às relações de Temporalidade, cada projeto apresenta aspectos próprios de diálogo, condicionados por cada um dos contextos e valores presentes nas suas respectivas preexistências. No projeto do CAV, observa-se uma forma de temporalidade cíclica, que considera a preservação de um contentor perene, capaz de resistir aos séculos de transformações, e a inserção de novos elementos efêmeros, de caráter reversível. Já no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, percebe-se uma temporalidade previamente interrompida e retomada pelo projeto contemporâneo, através do trabalho de

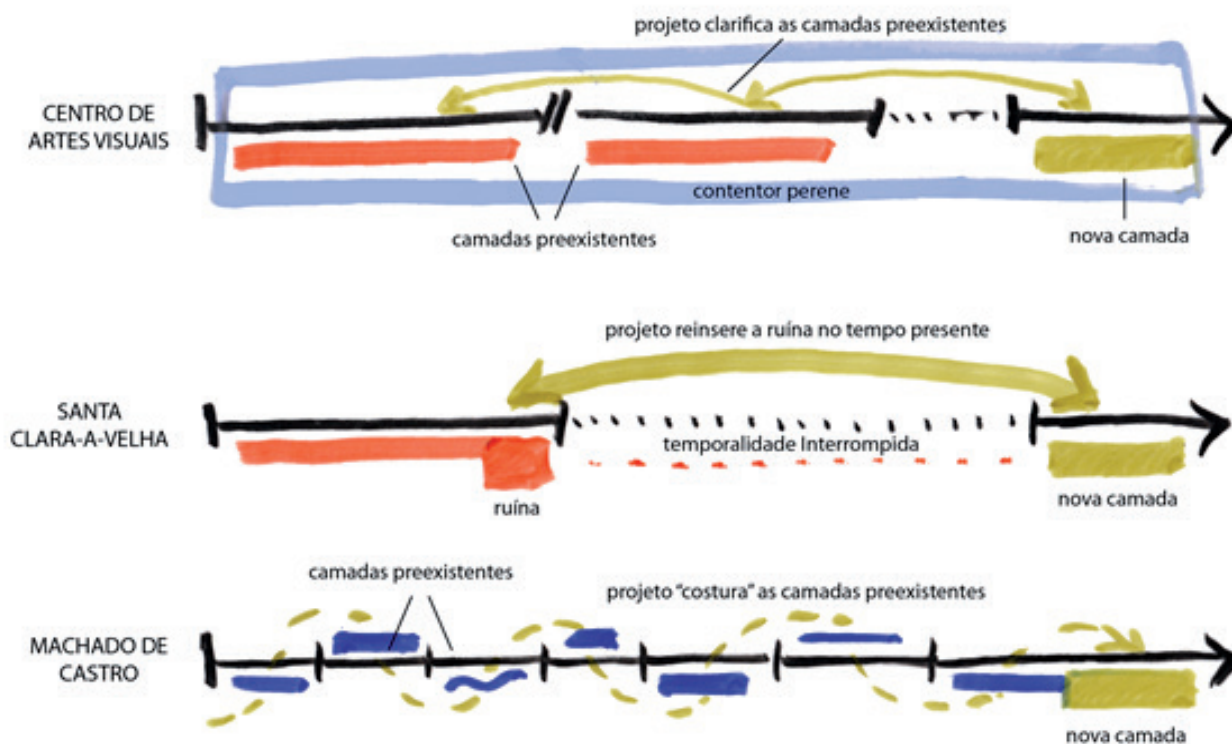


Figura 10.- Esquema ilustrativo das relações temporais entre os projetos de intervenção estudados e as suas respectivas preexistências.

reinscrição e ressignificação da ruína no tempo presente. O projeto do Museu Machado de Castro, por sua vez, trabalha com uma série de temporalidades fragmentadas, que configuram diferentes camadas históricas, “costuradas” pela intervenção contemporânea, que dá um novo sentido e promove uma narrativa contínua dos acontecimentos [figura 10].

Ainda que os três casos de estudo analisados representem apenas uma pequena amostra do panorama de intervenções contemporâneas em preexistências históricas em Portugal, os projetos são capazes de ilustrar um horizonte de referência no que diz respeito às boas práticas de intervenção no património. Os três arquitetos demonstraram um completo domínio sobre a prática projetual em diálogo com a preexistência, destacando, de diferentes formas, a importância da valorização do antigo através da intervenção contemporânea. Isso caracteriza um satisfatório equilíbrio entre teoria e prática arquitetônica que pode ser observado no cenário da arquitetura portuguesa contemporânea, complementado também por tantos outros exemplos de boas intervenções realizadas neste mesmo contexto e que poderiam vir a ser estudadas sob esta mesma metodologia.

Finalmente, e embora se trate de uma investigação experimental e em desenvolvimento, é importante ressaltar que as questões aqui levantadas não se encerram dentro do recorte abordado mas, ao contrário, procuram promover uma ampliação do tema para outros casos

e contextos, expandindo o conhecimento teórico de suporte no âmbito da Reabilitação de Edifícios. Este conhecimento insere-se num território ainda pouco explorado pelos estudiosos de arquitetura, configurando uma série de conceitos e metodologias em plena condição de serem desenvolvidos e aprimorados, através de novas experiências projetuais e concepções teóricas.

Bibliografia

BYRNE, G. (2017). Entrevista concedida a autor. Lisboa, 22 de novembro de 2017. IN: AUTOR. (2018) *Diálogos Com A Preexistência. Leitura Crítica De Projetos De Intervenção No Património Cultural Edificado De Coimbra Nas Últimas Décadas*. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

CARBONARA, G. (1997). *Avvicinamento al restauro: teoria, storia e monumenti*. Napoli: Liguori Editore.

CARBONARA, G. (2013). *Architettura d'oggi e restauro. Un confronto antico-nuovo*. Torino: UTET.

COSTA, A. (2017). Entrevista concedida a autor. Porto, 16 de novembro de 2017. IN: AUTOR. (2018) *Diálogos Com A Preexistência. Leitura Crítica De Projetos De Intervenção No Património Cultural Edificado De Coimbra Nas Últimas Décadas*. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

RIBEIRO, J. M. (2017). Entrevista concedida a autor. Coimbra, 16 de outubro de 2017. IN: AUTOR. (2018) *Diálogos Com A Preexistência. Leitura Crítica De Projetos De Intervenção No Património Cultural Edificado De Coimbra Nas Últimas Décadas*. Tese de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

VARAGNOLI, C. (2002). *Edifici da Edifici: la ricezione del passato nell'architettura italiana, 1990-2000*. L'industria delle costruzioni, Roma, anno XXXVI, n. 368, p. 4-15.

VIVIO, B. (2007). "Il moderno sull'antico. Lettura dell'intervento contemporâneo". In: CARBONARA, G. *Trattato di Restauro Architettonico. Primo Aggiornamento*. Grandi Temi di Resta

Autor/es



Mariana Lunardi Vetrone

mariana.vetrone@usp.br

Dep. de Engenharia Civil, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Architect and Urbanist graduate from FAUUSP, with an exchange programme in Architecture Conservation at 'La Sapienza' Università di Roma. Has worked in architecture offices in Brazil until she moved to Portugal to attend the Master's Degree in Building Rehabilitation at Coimbra University. In 2017 she was part of the survey team of *Viseu Património Project* and currently divides her time between work at an architecture office in Lisbon and the creation of content for her blog about culture and travel.

Artículo enviado el 04/12/2018
Artículo aceptado el 19/05/2019